

VIOLÊNCIA E MEDO NA PEQUENA CIDADE DE SERTANEJA, NORTE DO PARANÁ

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes¹

Amanda Ribeiro de Jesus²

Resumo.

É preciso avançar na compreensão e no reconhecimento das influências da violência e do medo nas manifestações de vida da população. Nesse sentido, nos dias atuais, a ampliação da violência e do medo e, por conseguinte, um maior destaque deles na academia e na mídia, geram mudanças sociais significativas na sociabilidade, sobretudo esvaziando as relações primárias e o consumo de espaços públicos. Assim, o principal objetivo deste artigo é compreender a percepção social da violência e do medo, a partir da sensação de insegurança, na pequena cidade de Sertaneja, localizada no Norte do Estado do Paraná. Para a produção deste artigo foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico fundamentado em autores que apresentam o tema abordado, levantamento e análise de dados e indicadores sociais e demográficos referentes ao município de Sertaneja, aplicação de questionários na população local e elaboração de produtos cartográficos, como gráficos e tabelas, e da redação final deste artigo. Os resultados demonstraram a existência da violência e do medo em Sertaneja, desconstruindo o senso comum de que as pequenas cidades são espaços seguros.

Palavras-chave: violência; medo; pequenas cidades; Norte do Paraná; Sertaneja.

VIOLENCE AND FEAR IN TOWN OF SERTNEJA, NORTH OF PARANÁ

Abstract.

It is necessary to advance in the understanding and recognition of the influences of violence and fear in the life manifestations of the population. In this sense, nowadays, the expansion of violence and fear and, consequently, their greater prominence in the academy and in the media, generate significant social changes in sociability, above

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).  <https://orcid.org/0000-0001-7542-7912> E-mail: pedrofernandes@uenp.edu.br

² Graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).  <https://orcid.org/0000-0001-6792-1240>. E-mail: amandaribeiro@hotmail.com

all emptying primary relationships and the consumption of public spaces. Thus, the main objective of this paper is to understand the social perception of violence and fear, from the feeling of insecurity, in the small town of Sertaneja, located in the North of the State of Paraná. For the production of this paper, the following methodological procedures were carried out bibliographic survey based on authors who present the topic addressed; survey and analysis of data and social and demographic indicators for the Sertaneja; application of questionnaires to the local population and preparation of cartographic products, such as graphs and tables; and the final wording of this paper. The results demonstrated the existence of violence and fear in Sertaneja, deconstructing the common sense that small cities are safe spaces.

Keywords: violence; fear; town; North of Paraná; Sertaneja.

VIOLENCIA Y MIEDO EN LA PEQUEÑA CIUDAD DE SERTANEJA, NORTE DEL PARANÁ

Resumen.

Es necesario avanzar en la comprensión y el reconocimiento de las influencias de la violencia y el miedo en las manifestaciones de la vida de la población. En este sentido, hoy en día, la expansión de la violencia y el miedo y, en consecuencia, su mayor protagonismo en la academia y en los medios de comunicación, generan importantes cambios sociales en la sociabilidad, sobre todo vaciando las relaciones primarias y el consumo de espacios públicos. Por lo tanto, el objetivo principal de este artículo es comprender la percepción social de la violencia y el miedo, a partir del sentimiento de inseguridad, en el pequeño pueblo de Sertaneja, ubicado en el norte del Estado de Paraná. Para la producción de este artículo, se realizaron los siguientes procedimientos metodológicos: encuesta bibliográfica basada en autores que presentan el tema abordado, encuesta y análisis de datos e indicadores sociales y demográficos para el municipio de Sertaneja, aplicación de cuestionarios a la población local y preparación de productos cartográficos, como gráficos y tablas, y la redacción final de este artículo. Los resultados demostraron la existencia de violencia y miedo en Sertaneja, deconstruyendo el sentido común de que las ciudades pequeñas son espacios seguros.

Palabra clave : violencia; miedo; pequeña ciudad; Norte del Paraná; Sertaneja.

Introdução

A realidade atual tem mostrado que a violência se tornou um dos principais problemas sociais. Assim, a realização desta pesquisa partiu da tentativa de compreender e reconhecer a influência da violência e do medo nas manifestações da vida em uma escala local. Nos dias atuais, os temas da violência e do medo têm ganhado destaque nos estudos acadêmicos e nas mídias, gerando mudanças nas relações de sociabilidade.

O fenômeno da violência tem atingido dimensões cada vez mais ascendentes, sendo um dos efeitos disso a sensação de medo e de insegurança. As consequências disso também caracterizam mudanças nas relações sociais e transformações no espaço geográfico, principalmente no urbano. A relevância social do estudo caminha no sentido de contribuir para a compreensão social, especialmente no que se refere à escala local, tão carente de estudo na Ciência Geográfica, e aos estudos da chamada Geografia da Violência, ainda incipiente na Geografia.

A partir disso, o principal objetivo deste artigo é compreender a percepção social da violência e do medo, a partir da sensação de insegurança, na pequena cidade de Sertaneja, localizada no Norte do Estado do Paraná. Os objetivos específicos são: (i) debater teoricamente os temas propostos pelo artigo; (ii) identificar, por meio da percepção dos moradores, a existência da violência e do medo no espaço urbano de Sertaneja; e (iii) reconhecer os reflexos e as manifestações sociais da sensação do medo e da insegurança pela percepção social dos habitantes.

Para a construção deste artigo foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico fundamentado em autores que apresentam o tema da violência e da percepção de medo; levantamento e análise de dados e indicadores sociais e demográficos referentes ao município de Sertaneja; aplicação de questionários na população local para obter informações acerca da percepção social; aplicação de questionário eletrônico por meio das redes sociais, como outra possibilidade de interpretação da percepção do medo e das manifestações da violência;

sistematização das informações, produção de material cartográfico, como tabelas e gráficos; e, finalmente, elaboração da redação final do artigo.

A aplicação dos questionários ocorreu de duas maneiras: por meio eletrônico e por meio de realização de trabalho de campo. A aplicação dos questionários por meio eletrônico ocorreu no período de sete de julho a sete de agosto de 2016, sendo divulgado por meio de redes sociais. Já a aplicação dos questionários por meio de trabalho de campo ocorreu no período de 22 a 28 de agosto de 2016, na região central da cidade de Sertaneja.

O município de Sertaneja está localizado no Norte do Estado do Paraná, especificamente na Mesorregião Norte Pioneiro paranaense. A Figura 1 apresenta a localização do município, que possui uma área territorial de 445 quilômetros quadrados e está, aproximadamente, 440 quilômetros de Curitiba, a capital estadual. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município possui 5.817 habitantes.

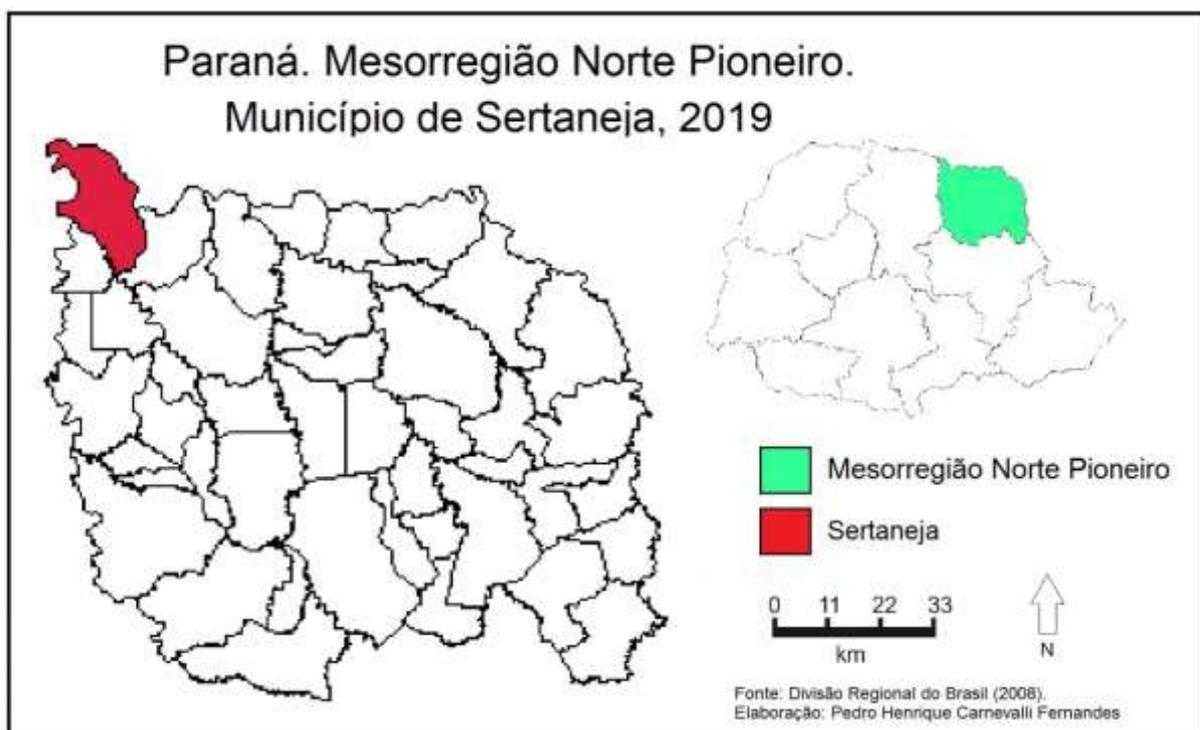


Figura 1. Sertaneja (PR). Localização

Fonte: Adaptado de IBGE (2008).

A história de ocupação do atual município de Sertaneja se inicia na década de 1940. O primeiro núcleo de povoamento recebeu influxo de colonizadores oriundos, em sua maioria, dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, atraídos pela fertilidade da terra (SERTANEJA, 2019). Como o local era, primitivamente, coberto por densas florestas, o patrimônio recebeu o nome de “Sertaneja”, que significa “cidade do sertão” (SERTANEJA, 2019). As terras que formaram o município foram adquiridas e loteadas pela Companhia Agrícola Barbosa entre os anos de 1940 a 1945 (SERTANEJA, 2019). Em menos de dez anos, a região, então conhecida pela denominação de Sertão do Paranapanema, teve progresso rápido e conseguiu sua emancipação de Cornélio Procópio em 1951 (Lei Estadual nº 790), sendo instalado no dia 14 de dezembro de 1952 (SERTANEJA, 2019).

No primeiro censo demográfico após a consolidação do município, em 1960, a população total era de 17.334 habitantes. Isso refletiu o auge demográfico do município. Depois, os anos seguintes mostraram um fortíssimo declínio demográfico na população total, resultado da política de modernização agrícola que ocorreu no Brasil. Entre 1960 e 1970, em Sertaneja, a redução foi de 18%, caindo para 14.295 habitantes. No período seguinte, a queda foi vertiginosa: 49% da população deixou o município. Em 1980, a população era de 6.928 habitantes. A partir disso houve uma desaceleração do declínio demográfico: 3,2%, entre 1980 e 1991, e 2,8% entre 1991 e 2000. Já no censo de 2010, os resultados mostraram que o declínio voltou a aumentar: 10,8% entre 2000 e 2010, atingindo a população de 5.817 habitantes, sendo 88% urbana e 12% rural.

O artigo está estruturado em duas partes: na primeira, há um debate teórico-metodológico sobre a violência, a insegurança e o medo; na segunda parte, apresentam-se as reflexões a partir dos resultados alcançados com a aplicação do questionário na população local.

Problematização: violência e medo

O entendimento da violência é complexo. Apesar disso, este artigo busca contribuir com a temática apresentando a visão de diferentes autores. A violência é um termo oriundo

do latim “vis”, que significa “força”; porém, seu significado se transformou no tempo, se tornando “abuso de força” e “força brutal para submeter alguém” (RIFIOTIS, 1999; FERNANDES, 2017). Segundo Moreira (2011, p. 33), “o significado de violência vem da referência de força, vigor, potência” e, dialogando com isso, Rosário (2011, p. 45) considera que “encontra-se na noção de violência a ideia de força, potência natural, cujo exercício contra alguma coisa ou contra alguém torna o caráter violento”.

Em termos gerais, a violência é definida como uma força que vai ultrapassar as normas definidas na sociedade (MELARA, 2008). Em outras palavras, um ato vai ser percebido como violento ou não em função das normas da sociedade, portanto, são alteradas com o tempo, resultando em diferentes significados. Por isso, acaba que “seu uso recorrente a tornou de tal modo familiar que parece desnecessário defini-la. Ela foi transformada numa espécie de significante vazio, um artefato sempre disponível para acolher novos significados e situações” (RIFIOTIS, 1999, p. 1).

A violência é, então, entendida como uma produção humana. Para Odalia (1985, p. 13), “o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, (...) em suas várias faces”. Assim,

Podemos dizer que (...) ela (...) tomou maior proporção a partir da consolidação do capitalismo e se intensificou com o advento da globalização. Nesse sentido, ela se tornou desterritorializada e onipresente, não pertencendo apenas a um só espaço e não condicionada a um grupo social exclusivo (ENDLICH; FERNANDES, 2014, p. 10).

Os reflexos desses processos e das relações sociais estão diretamente ligados à definição da violência. Apesar disso, “quando se fala em violência, ou quando se preocupa com este crescente problema, a primeira imagem, que, de súbito vem à cabeça, é aquela ligada à agressão física” (BATELLA, 2008, p. 23). Essa concepção de violência, segundo o autor, está presente em todos os segmentos da sociedade.

Para Rifiotis (1997, p. 5), a violência, marcada por sua complexidade, se apresenta “como uma ‘objetivação’ uma vez que ele nem sempre é visível e por outro lado, a violência é sempre um objeto em construção” (RIFIOTIS, 1997, p. 5). Logo, esse aumento

de significados e de termos referentes à violência motiva a academia e a sociedade refletirem mais sobre eles.

Percebemos a pluralidade da violência quando procuramos, por exemplo, circunscrever o seu campo semântico. Deparamo-nos de imediato com um jogo de linguagens onde diferentes tipos de fenômenos aproximam-se, enredando-se numa teia discursiva cuja amplitude é sempre crescente. No nosso cotidiano, referimo-nos à violência no esporte, no trânsito, nas ruas, nas prisões, ou ainda com relação às precárias condições de vida, à fome, e, evidentemente, com relação à criminalidade; mas há ainda a violência contra a mulher, contra a criança, contra a natureza, e a violência nos rituais de sacrifício, violência física, psicológica, simbólica, cognitiva... Esta série, cuja regra de formação é invisível, pode englobar ainda: as relações de força, as tensões, as hierarquias, as desigualdades sociais e as situações de conflito em geral (RIFIOTIS, 1997, p. 6).

Para Chagas Rodrigues (2006, p. 30-31), “deve-se perceber a pluralidade dos fenômenos que caem dentro do rotulo de ‘violência’. Por este ponto de vista, é mais adequado falar de violências”, como a violência urbana e a rural, a física e a simbólica, a policial e intrafamiliar, a de gênero e a esportiva, entre outras. Apesar dessa multiplicidade, Adorno (2002) pontua quatro tendências: (i) o crescimento da delinquência urbana, como os crimes contra o patrimônio e os homicídios dolosos; (ii) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico de drogas; (iii) as graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática; e, (iv) a explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança.

Diante das preocupações sobre o tema, surgiu a Geografia da Violência ou Geografia do Crime, a partir da crescente preocupação dos pesquisadores em Geografia com a criminalidade e com as características espaciais e modos como se organizavam. Nesse sentido, a Geografia do Crime cumpre uma importante missão de “à luz de teorizações diversas, por meio de análises associativas e em conexão com outros campos científicos, explicar as múltiplas desigualdades espaciais e todo o processo que as origina” (FÉLIX, 1996, p. 147). Por isso, é fundamental tentar explicar, ainda que brevemente, a diferença entre violência e crime.

*Pedro Fernandes & Amanda Jesus, Violência e Medo na Pequena Cidade de Sertaneja,
Norte do Paraná*

Crime é qualquer infração a lei. É, portanto, um julgamento de uma ação com base em argumentos legais. Considerar a violência como sinônimo de crime é reduzir a discussão apenas aqueles atos que a lei prevê. A violência é uma noção mais ampla e mais sutil. Além disso, a confusão não se justifica também pelo fato de que nem todos os crimes são necessariamente violentos (MELGAÇO, 2005, p. 17).

O medo e a insegurança podem estar associados à violência. Segundo Balandier (1997), a violência vem contribuindo para o desenvolvimento de um imaginário do medo, além de ser considerada uma das figuras reveladoras da desordem e da diferença que ela ameaça introduzir. A violência, assim, “pode tomar a forma de uma desordem contagiosa, (...), de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade num estado de insegurança que gera o medo” (BALANDIER, 1997, p. 212).

Em virtude da violência, cresce o sentimento de insegurança associado aos acontecimentos de violência, sejam em espaços próximos, sejam em espaços distantes, que acabam sendo potencializados e difundidos pela mídia, especialmente a televisiva.

Assim, segundo Lourenço (2010, p. 8), “o sentimento de insegurança pode ser definido como um conjunto de manifestações de inquietação, de perturbação ou de medo, quer individuais, quer coletivas, cristalizadas sobre o crime” e ainda que o sentimento de insegurança possa ser “[...] definido como a expressão de uma representação social do meio, em que estão presentes lógicas culturais e identitárias e lógicas situacionais, isto é, ligadas à experiência do actor sobre a realidade vivida” (LOURENÇO, 2010, p. 7).

A partir desse contexto de associação entre insegurança e violência, as reações referentes a isso envolvem cada vez mais práticas de transformações individuais e privadas como mecanismos de controle, “por isso, no que diz respeito ao âmbito do cotidiano, (...) influencia na construção de comportamento e vivências pautadas no medo e, por conseguinte, o sentimento de insegurança urbana” (ENDLICH; FERNANDES, 2014, p. 10).

Este sentimento de insegurança tem-se traduzido em significativas mudanças de comportamento, fazendo com que as pessoas deixem de sair de casa ou evitem certas áreas da cidade, bem como passem a investir maciçamente em equipamentos de segurança pessoal e

patrimonial. Grades, cercas elétricas, circuitos internos de TV, vigilância privada já são traços comuns das residências brasileiras (FRATTARI, 2009, p. 1).

Diante disso, acabam gerando mudanças no cotidiano e, principalmente, nos comportamentos sociais: “o sentimento de insegurança pode gerar alterações como: mudança para horários mais ‘seguros’ para se relacionar, evitando transitar por locais mais ‘perigosos’, entre outros, além de minar as relações sociais e depreciar a vitalidade das cidades” (SORIANO, 2007, p. 17). O autor destaca, também, que tal influência pode alcançar e influenciar no incremento dos sistemas de segurança, particularmente com a fortificação das residências e, em alguns casos, na contratação de segurança particular.

Além disso, há reflexos, também, no espaço público. A insegurança contribui para a conformação de um espaço urbano fragmentado e marcado pelo medo. A violência produz uma cultura que enfraquece as práticas de solidariedade e que, em consequência, desorganiza a vida comunitária, disseminando valores bélicos e incivis, dificultando a sociabilidade, incentivando reações de rejeição e atitudes preconceituosas a partir da associação de imagens negativas de bairros e moradores, sendo que essas ofensas são entendidas como fraturas na sociedade e tendem a gerar sentimentos de receio, tornando a vida social difícil de ser vivida sem um sentimento de ser imprevisível (FRATTARI, 2009).

O crescimento do sentimento de medo e insegurança está ligado ao aumento nas taxas de criminalidade (CALDEIRA, 2000), mas também a difusão generalizada de noticiários sobre a violência realizada diariamente pela imprensa. A violência e a insegurança são questões que se apropriam de espaço significativo na preocupação da sociedade, se impondo no modo como a sociedade vive e se articula com os problemas de segurança. Porém, a sociedade não está exposta “apenas” à violência concreta, mas, também, ao fato de viver-se, constantemente, com um sentimento de medo, o que gera reflexões sobre o medo.

Violência e Medo em Sertaneja

A realização do trabalho de campo foi fundamental para entender a percepção da violência pela sociedade local e seu sentimento de medo e insegurança. Em Sertaneja, foram aplicados 45 questionários na população local, respeitando a proporção das faixas etárias a partir da pirâmide etária do município. Essa metodologia, referenciada por Fernandes (2017), inicia desconsiderando, da população total do município, as pessoas com menos de 18 anos de idade e, depois, define 1% dessa amostragem como quantidade de questionários. A partir disso, em Sertaneja, existem, segundo IBGE (2010), 4.361 habitantes maiores de 18 anos de idade; desse número, considera-se a amostragem de 1%, totalizando 43,61 questionários, que, arredondado para melhor aplicação, atingem 45 questionários. A definição das proporções entre as faixas etárias, a partir da pirâmide etária do município de Sertaneja, segundo o último demográfico do IBGE, em 2010, tem como objetivo contemplar todas as faixas etárias de moradores e possibilitar encontrar inquietações e incômodos que motivarão a continuação da pesquisa dentro da Geografia.

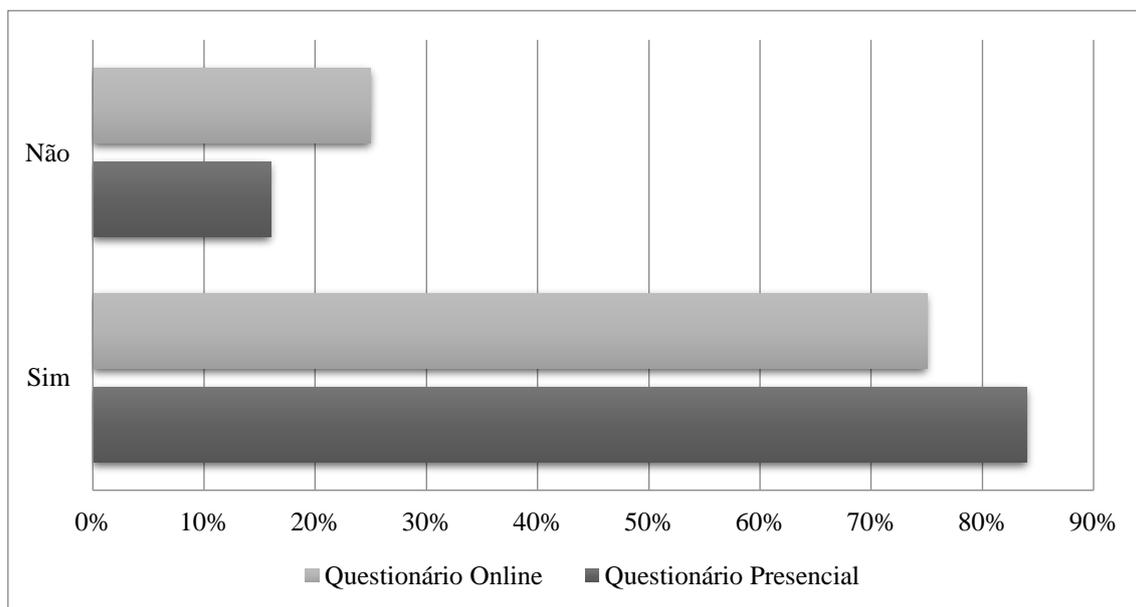
O questionário aplicado por meio eletrônico foi respondido por 60 pessoas e também considerou apenas àquelas com mais de 18 anos de idade, porém não limitou a quantidade por faixa etária, já que seu objetivo consistia em entender o sincronismo e/ou assincronismo entre os dados (virtual e no aplicado pessoalmente).

O assincronismo refere-se a um possível receio da população local em abordar a questão da violência em uma pequena cidade marcada por um alto grau de pessoalização e de reconhecimento durante uma aplicação presencial. Além disso, o questionário online apresentou assincronismo no perfil dos respondentes já que foi, principalmente, respondido por jovens da primeira faixa etária (18-29 anos), consequência do uso recorrente das redes sociais e da internet por esse estrato social.

Como objetivo de analisar a percepção social da violência e a sensação de medo da população do município de Sertaneja, a Figura 2 apresenta a impressão dos

respondentes, no questionário presencial e no online, em relação à existência da violência no município.

Figura 2. Sertaneja (PR). “Existe violência em Sertaneja?”



Fonte: Trabalho empírico (2016)

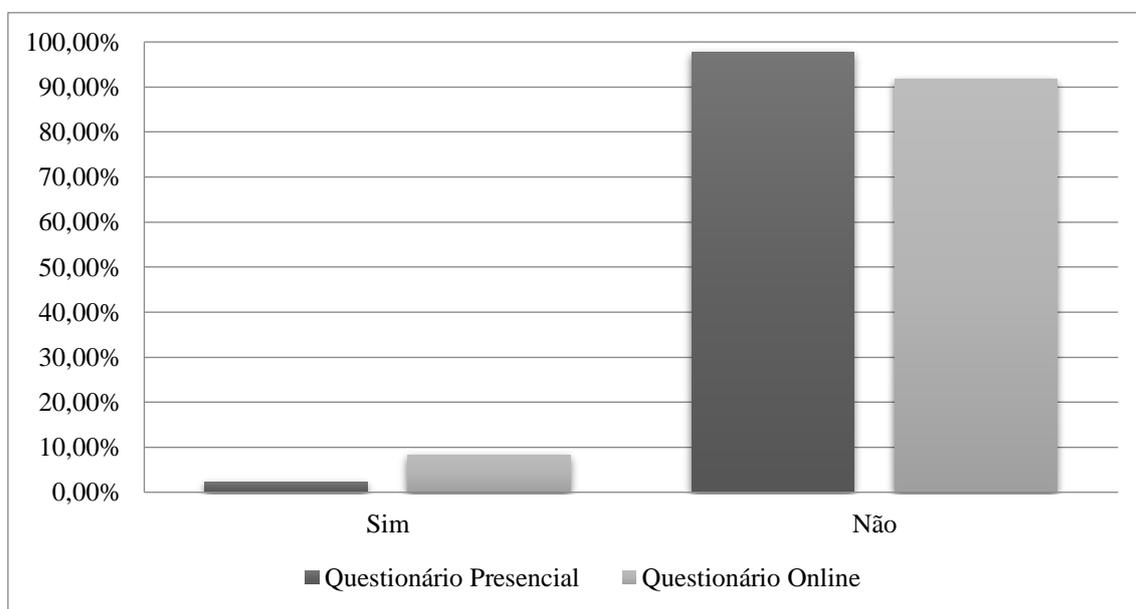
No questionário presencial, 84% dos respondentes reconheceram a existência de violência em Sertaneja e 16% desconsideraram-na. No online, a diferença entre os valores foi menor: 75% para sim e 25% para não. Considerando o universo total de respondente, 79% consideraram que existe violência no município e 21% desconsideraram-na.

Isso quer dizer que, ainda que teoricamente o entendimento da violência seja complexo, empiricamente, os respondentes reconhecem a existência do fenômeno na escala local. Evidentemente, ela pode estar vinculada ao que Rifiotis (1999) destacou como uma “espécie de significante vazio”. Por outro lado, esse resultado reconhece o que Odalia (1985) considera como “a violência está sempre presente” e o que Endlich e Fernandes (2014) destacaram como algo que “se tornou desterritorializada e onipresente, não pertencendo apenas a um só espaço e não condicionada a um grupo social exclusivo”. Segundo Fernandes (2017), Sertaneja apareceu em 106º lugar em taxa de homicídios entre os 186 municípios do Norte do Estado do Paraná, no período de 1996 a 2013.

Pedro Fernandes & Amanda Jesus, Violência e Medo na Pequena Cidade de Sertaneja, Norte do Paraná

Na sequência, a Figura 3 busca aferir a sensação de medo dos respondentes de Sertaneja, no questionário presencial e no online.

Figura 3. Sertaneja (PR). “Tem medo de morar em Sertaneja?”



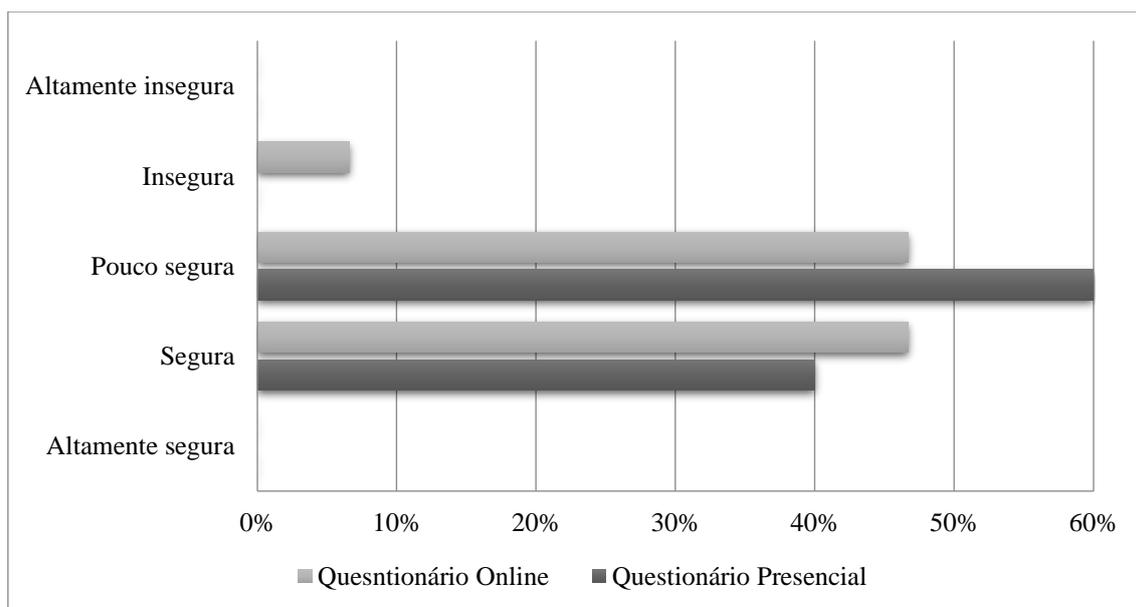
Fonte: Trabalho empírico (2016)

Os resultados mostraram que apenas 2% dos respondentes do questionário presencial sentiam-se com medo de residir em Sertaneja. Já no questionário online, esse valor foi mais que o dobro: 5% dos respondentes. Essa discrepância tem relação com o que se comentou anteriormente quanto ao alto grau de pessoalização, uma vez que alguns respondentes demonstram-se desconfortáveis com as perguntas durante a aplicação presencial, assim como pode estar vinculada a outros aspectos, como a incidência maior de respostas dadas por um grupo de uma mesma faixa etária, ou, ainda, ao grau de instrução sobre o assunto dos respondentes virtuais.

Considerando a amostragem universal de respondentes, 96% consideraram-se seguros em residir na localidade e 4% apresentaram algum tipo de medo de morar no município. Efetivamente, ainda que um valor pequeno, é preciso reconhecer que existe uma parcela social em uma pequena cidade de cerca de cinco mil habitantes que tem medo de residir na localidade.

Antes de tecer algumas reflexões, é preciso apresentar mais alguns dados quanto à insegurança: a Figura 4 demonstra a classificação realizada pelos respondentes quanto à segurança em Sertaneja, por modelo de questionário.

Figura 4. Sertaneja (PR). “Como classifica a cidade quanto à segurança?”



Fonte: Trabalho empírico (2016)

As classificações dos extremos, “altamente insegura” e “altamente segura”, não foram consideradas por nenhum respondente. No questionário presencial, 60% dos respondentes consideraram Sertaneja “pouco segura” para morar e 40% consideraram-na “segura”. Já no questionário online, os resultados mostraram um empate entre “segura” e “pouco segura”. Para 6,6% dos respondentes dessa modalidade de questionário, Sertaneja é uma cidade “insegura”. Considerando todo o universo de respondentes de Sertaneja, a maioria acredita que a cidade é “pouco segura” (52%) ou “insegura” (4%) para residir, o que possibilita refletir sobre a qualidade da segurança pública na localidade.

Assim, é possível perceber que embora a esmagadora maioria (96%) não tenha medo de residir em Sertaneja, a cidade foi classificada por 60% dos respondentes do questionário

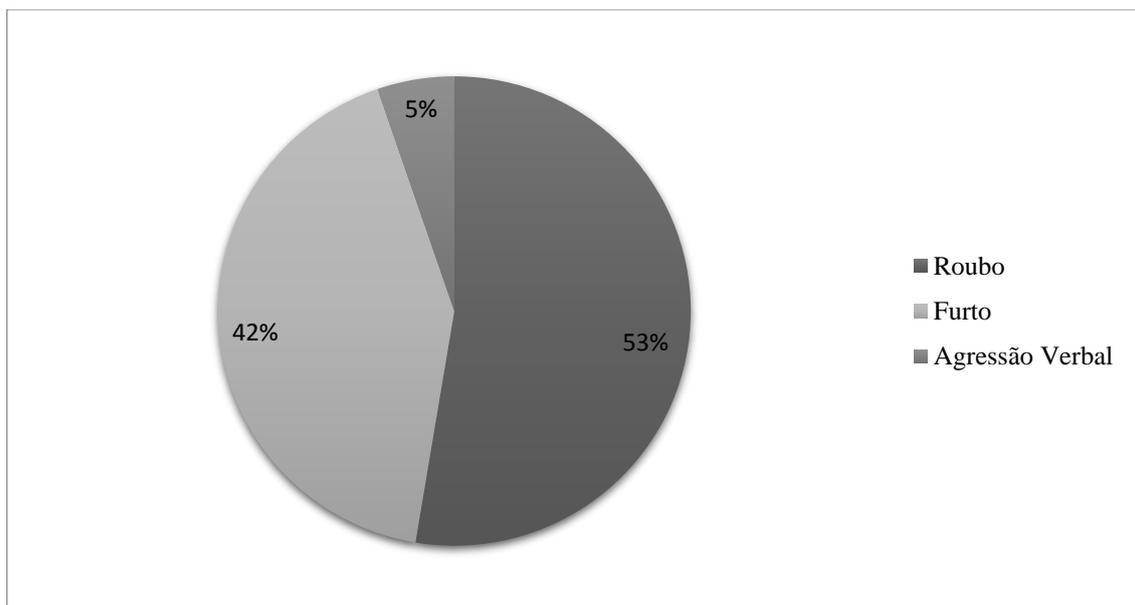
presencial como “pouco segura” e por quase 7% dos respondentes do questionário online como “insegura”. Portanto, pode estar ocorrendo um movimento de ampliação da sensação de insegurança na localidade, que precisa ser comprovada a partir de novos estudos e levantamentos de dados. Assim, dialogando com a teoria de Lourenço (2010), pode estar se desencadeando um fenômeno de “inquietação, de perturbação ou de medo” a partir da “representação social do meio” ligadas à experiência dos respondentes sobre a realidade vivida em Sertaneja.

Sendo assim, é importante tentar entender a origem dessa sensação de insegurança, uma vez que o medo e a insegurança podem estar associados à violência concreta e real – eles também podem, concomitantemente ou não, estar associados ao imaginário da violência, considerando, nesse caso, a inexistência concreta da violência.

Por isso, os resultados seguintes demonstraram a proporção de respondentes que já sofreram algum caso concreto de violência em Sertaneja por tipo de questionário: 9% dos respondentes do questionário presencial já enfrentaram alguma violência em Sertaneja e 91% nunca passaram por tal situação; quanto aos respondentes do questionário online, quase 30% deles já foram atingidos pela violência. É um aumento expressivo na comparação entre os resultados, que como já explicado anteriormente pode estar associado ao receio de tratar o assunto pessoalmente e/ou às faixas etárias e ao grau de instrução dos respondentes virtuais.

Então, a Figura 5 apresenta as principais violências enfrentadas pelos respondentes de Sertaneja que afirmaram já terem passado por alguma insegurança no município.

Figura 5. Sertaneja (PR). “Já sofreu com a insegurança em Sertaneja? Se sim, qual?”



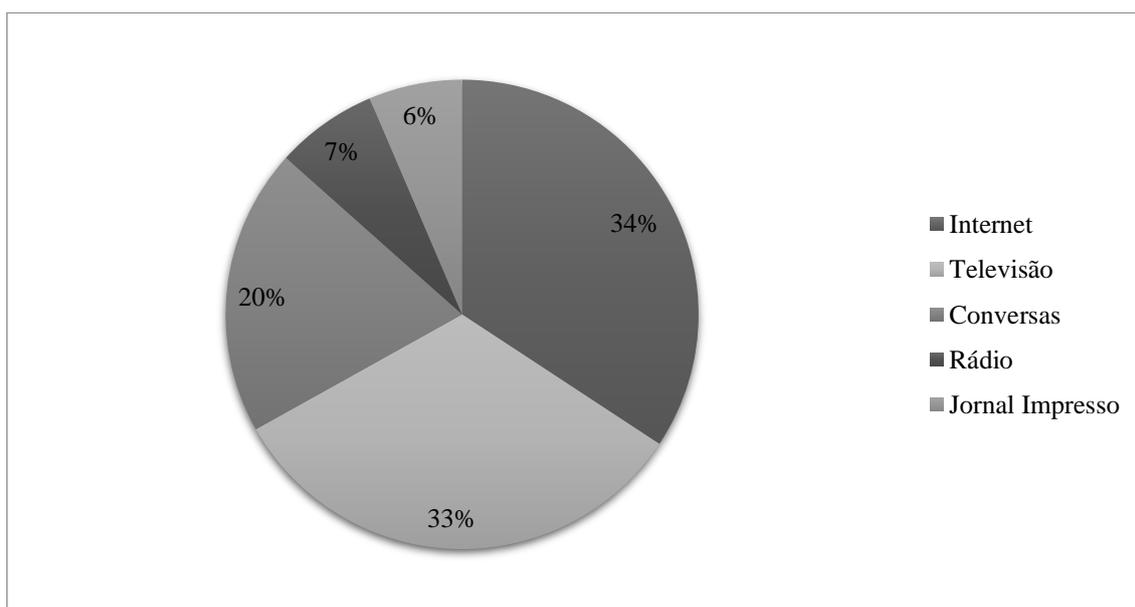
Fonte: Trabalho empírico (2016)

Entre os respondentes que enfrentaram a insegurança em Sertaneja, 53% foram roubados e 42% furtados. Ambos representam 95% de todas as ocorrências citadas. Já os demais 5% já sofreram alguma agressão verbal. Esse patamar “baixo” de agressões demonstra a cultura de não considerar os xingamentos e as ofensas como agressões. Logo, a partir dos dados de violência concreta, é possível aferir que uma parcela de 4% dos respondentes de Sertaneja sente-se inseguro e classifica a cidade nesse sentido como consequência da vivência concreta da violência e que outra parcela, de aproximadamente 17%, classifica a cidade como pouco segura como reflexo da vivência concreta da violência. Portanto, nesses casos específicos, dialoga com Caldeira (2000) ao associar o sentimento de insegurança ao aumento real nas taxas de criminalidade.

No entanto, essa explicação não é única para a realidade de Sertaneja. É possível refletir, também, que uma terceira parcela dos respondentes, de 31% dos respondentes, não enfrentou casos concretos de violência e, ainda assim, classificaram a cidade como “pouco segura”, reconhecendo a existência de um problema – sensação de insegurança – que pode estar associada a situações psicossociais ativadas por um imaginário amplamente difundido pela mídia e que não necessariamente tenha relação com a vivência concreta da violência na localidade.

Nesse sentido, a Figura 6 apresenta as principais formas por quais meios de comunicação os respondentes de Sertaneja tomam conhecimento sobre as ocorrências de violência. Esses resultados ajudam a entender a influência dos meios de comunicação na propagação da violência e do medo. Para 34% dos respondentes, a informação é oriunda da internet, sobretudo pelas redes sociais, seja para os casos locais ou as ocorrências em outras escalas, como regional, estadual, nacional e internacional; 33% consideraram a televisão, por meio de programas que diariamente bombardeia-os com notícias de violência, como a origem das informações; 20% tomam conhecimento pelas conversas no dia-a-dia com vizinhos, familiares, colegas de trabalho e, principalmente, pelas “fofocas nas ruas”; finalmente, 7% por rádio e 6% jornal impresso.

Figura 6. Sertaneja (PR). “É por meio de qual meio de comunicação que você toma conhecimento sobre a violência?”



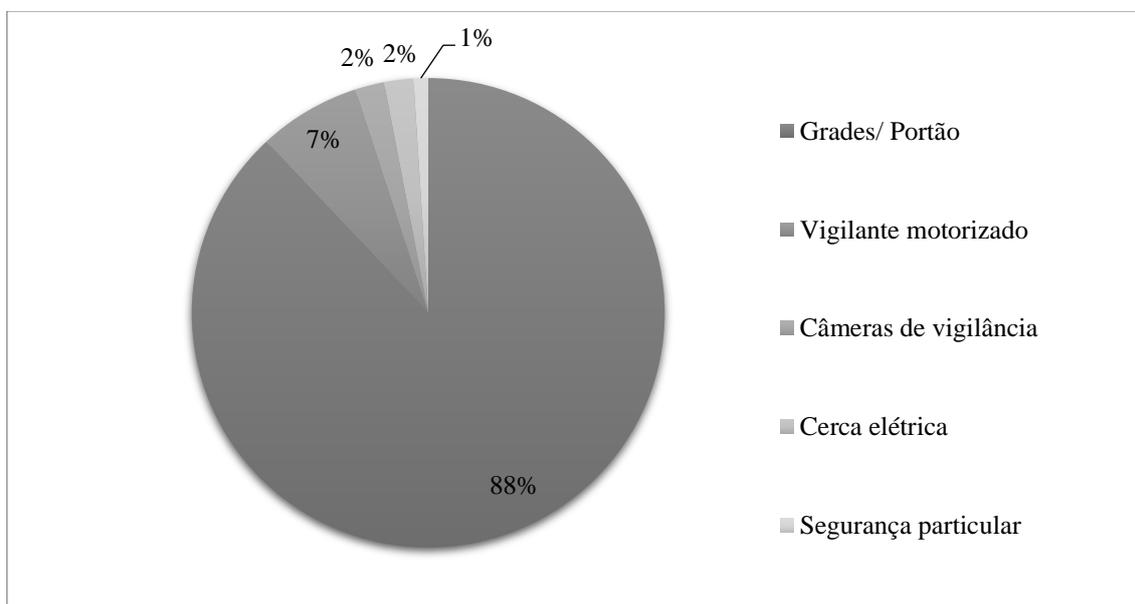
Fonte: Trabalho empírico (2016)

Os valores foram semelhantes ao comparar os tipos de questionários aplicados. Portanto, é possível aferir que a sensação de insegurança de parte dos respondentes de Sertaneja que não enfrentaram casos de violência tem origem, sobretudo, nas mídias (internet e televisão). Essa reflexão também é possível para os respondentes que

enfrentaram alguma ocorrência de violência na localidade, pois as explicações não são excludentes.

Diante desse cenário, a literatura aponta para alterações no modo de vida das pessoas em espaços marcados pela existência da violência, da sensação de insegurança e/ou do medo. Assim, como apresentam Endlich e Fernandes (2014) às práticas se transformam, no âmbito do cotidiano, em comportamentos e vivências pautadas no medo e na insegurança. Logo, diante da violência e do medo, as reações sociais e as resistências são variáveis no tempo e no espaço, como já discutido na porção teórica. Assim, a Figura 7 apresenta os meios de segurança existentes nas residências dos respondentes de Sertaneja, considerando toda a amostragem de respondentes.

Figura 7. Sertaneja (PR). “Em sua residência, existe(m)?”



Fonte: Trabalho empírico (2016)

Aproximadamente 90% dos respondentes possuíam em suas casas grades e/ou portões, 7% pagavam vigilante motorizado (popularmente chamado em Sertaneja de “guardinha”), 2% tinham câmaras de vigilância em suas residências, 2% cerca elétrica

Pedro Fernandes & Amanda Jesus, Violência e Medo na Pequena Cidade de Sertaneja, Norte do Paraná

como meio de proteção e 1% segurança particular. No questionário presencial, 95,6% dos respondentes consideraram apenas “grades e portão” como equipamentos que possuíam de segurança e 4,4% citaram vigilante motorizado (2,2%) e câmera de vigilância (2,2%). Já no questionário online, os valores foram diferenciados: 81,7% citaram “grades e portões”, 10% pagavam pelo serviço de vigilante motorizado, 3,3% tinham câmeras de segurança, 3,3% cerca elétrica e, surpreendentemente, 1,7% possuía segurança particular. Esses resultados dialogam com Soriano (2007) e Frattari (2009) quanto comentam sobre a ampliação de investimentos em equipamentos de segurança pessoal e patrimonial.

Portanto, com relação aos meios de segurança, estão cada vez mais visíveis na paisagem urbana de Sertaneja as diferentes formas de proteção, especialmente pelos equipamentos e pela contratação de serviços privados, configurando como uma nova morfologia das paisagens. No entanto, isso implica outro debate que se assenta na questão de renda e classe social, ou seja, enquanto as elites se “protegem” adquirindo serviços e equipamentos, as classes menos favorecidas ficam à mercê do serviço público de segurança. Por sinal, quanto ao serviço público de segurança, o município de Sertaneja é atendido por poucos policiais militares e não possui polícia civil, corpo de bombeiro e defesa civil.

Os levantamentos efetuados tentaram compreender e reconhecer as influências da violência e da sensação de medo nas manifestações na vida da população. O problema tem atingido dimensões cada vez mais ascendentes, sendo o efeito da violência marcante, principalmente, expresso por meio do crescimento da sensação de medo e insegurança, inclusive em pequenas cidades.

Considerações Finais

As considerações finais apresentam as principais reflexões teóricas e empíricas acerca da compreensão e da percepção social da violência, a partir da sensação de insegurança e do medo, na pequena cidade de Sertaneja, no Norte do Estado do Paraná.

As cidades vêm sofrendo com diversos problemas, como a violência e a sensação de medo, que têm combinado com uma série de transformações no espaço urbano – as pequenas cidades não estão longe dessa realidade. Assim, a atualidade promove elementos que demonstram a existência da violência em diversos lugares, rompendo com a visão de que a cidade pequena é um lugar pacato e bucólico na qual inexistem índices de violência.

Entender a violência não é algo simples, pois ela está relacionada a inúmeros fatores, sejam materiais ou sociais, que afetam a sociedade de diferentes formas. A violência é, então, entendida como ação humana, ou seja, esse fenômeno que se apresenta concretamente e objetivamente como uma prática social ocorre de forma difusa no espaço geográfico, ainda que seja possível reconhecer semelhanças no “ato violento”.

Assim, a violência e a insegurança precisam, cada vez mais, ocuparem um espaço significativo nas discussões sociais e não apenas pela visualização e compreensão da “violência exposta”, expressa cotidianamente nas mídias, mas, sobretudo, por estudos acerca do cenário de viver, constantemente, com um sentimento de medo.

No entanto, o medo é um sentimento natural do ser humano, principalmente diante do perigo. Nesse caso, a consequência imediata é a busca por proteção. No entanto, os impactos causados pelo sentimento de medo produzem grandes inquietações em relação à qualidade de vida e ao modo como se relacionar geograficamente e socialmente. Assim, essas mudanças ocorrem de maneira concreta tanto no cotidiano como nos próprios espaços de lazer e moradia, na qual se criam novas práticas e valores de socialização. Diante disso, a mídia tem desempenhado um papel fundamental em relação à sensação de medo.

Os temas da violência e da sensação do medo apresentam leituras difusas. Este artigo apresentou um olhar para esses fenômenos. As pesquisas mais recentes da chamada Geografia da Violência já destacam esses fenômenos nos espaços das pequenas cidades – apesar disso, ainda é preciso ampliar esses estudos. Assim, foi possível reconhecer fatores relevantes acerca do problema, especialmente por meio da visão que a

Geografia proporciona e dos conhecimentos adquiridos em trabalho de campo. Logo, foi possível analisar a maneira como a população percebe a violência e, principalmente, como sente o medo na pequena cidade de Sertaneja.

Os altos muros, as cercas elétricas, as grades, as câmaras de vigilância, os vigilantes motorizados, a mudança cotidiana em não frequentar determinados lugares são algumas manifestações – reflexo da existência da violência e do sentimento de insegurança e de medo – da realidade que existe na cidade, compondo um novo período em que meios de segurança fazem parte da paisagem do espaço urbano local.

Finalmente, é importante ressaltar que ainda existe muito receio de se abordar os temas da violência e do medo em pequenas cidades, especialmente pela pessoalização – ou seja, o conhecer e se reconhecer e que acaba muitas vezes gerando estereótipos. Isso acabou influenciando em algumas questões aplicadas pessoalmente. Por outro lado, as pesquisas virtuais acabam contemplando determinadas faixas etárias específicas. Portanto, a violência e o medo precisam de mais estudos em Geografia e as pequenas cidades se configuram como os espaços mais instigantes para essas análises.

Referências

- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias – Violências, América Latina*, Porto Alegre, p. 84-135, 2002.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: Elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BATELLA, Wagner Barbosa. *Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no estado de Minas Gerais*. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2003.
- CHAGAS RODRIGUES, Tiago Nogueira Hyra. *Contando as violências: Estudo de narrativas e discursos sobre eventos violentos em Florianópolis (SC)*, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós graduação em Antropologia Social, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- ENDLICH, Angela Maria. FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli Fernandes. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. *Scripta Nova (Barcelona)*, v. XVIII, p. 1-20, 2014
- FÉLIX, Sueli. A. Geografia do Crime. *Revista de Geografia*. São Paulo: v.13, p. 127-144, 1996.
- FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. *Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades: o Norte do Paraná*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012, 261 p. il.
- FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli Fernandes. *Um espectro ronda as pequenas cidades: o aumento da violência e da insegurança objetiva*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017, 525p;
- FRATTARI, Najla Franco. *Insegurança: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia*. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 03 de maio de 2019.
- LOURENÇO, Nelson. Cidades e sentimento de insegurança: violência urbana ou insegurança urbana? In: A, Pereira Junior. E.; JULIANA, Maron; F, Silva. J. (Org.). *Um toque de qualidade: eficiência e qualidade na gestão do sistema de defesa social*. Belo Horizonte: v.1000, 2010.
- MELARA, Eliane. *A dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria-RS*. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

- MELGAÇO, Lucas. *A Geografia do Atrito: dialética espacial e violência em Campinas – SP*. 2005. 128p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Reflexões sobre o conceito de violência: da necessidade civilizatória à instrumentalização política. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano do; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. *Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica*. Barbacena: Eduemg, 2011. p. 33-43.
- ODALIA, Nilo. *O que é violência*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 93p.
- RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, v. 19, p. 1-19, 1997.
- RIFIOTIS, Theophilos. Violência policial e imprensa: o caso da Favela Naval. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, v. 13, n. 4, p. 28 a 41, out./dez., 1999;
- ROSÁRIO, Ângela Buciano do; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). *Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica*. 2011.
- SERTANEJA, Prefeitura Municipal de. *Nossa Cidade*. 2019. Disponível em: <http://www.sertaneja.pr.gov.br/nossa_cidade/15/aspectos-socioeconomicos> acesso em: 03 de maio de 2019.
- SORIANO, E. *Os espaços de medo e os de castigo nas pequenas cidades do estado de São Paulo: o caso Itirapina*. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - IGCE, UNESP, Rio Claro, 2007.

Data de Submissão: 03/05/2019

Data da Avaliação : 31/01/2020.